FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Catimba: quando o jogo começa no encontro

Por Bob Sousa[1]

A construção da visualidade de *Catimba – A Reviravolta do Glorioso Grêmio Recreativo de Pirapora da Vila Pauliceia*, da 2 Mililitros Cia Teatral, revela um trabalho de extremo cuidado com os detalhes da encenação. Voltado ao público jovem, o espetáculo transforma o universo do futebol em matéria de criação teatral, fazendo do campo, da torcida, dos jogadores e de seus rituais um território de imaginação, disputa e convivência. A trajetória do Grêmio Recreativo de Pirapora da Vila Pauliceia, diante da necessidade de encontrar um substituto para seu craque Rosa, ultrapassa a narrativa esportiva para colocar em discussão questões como preconceito, pertencimento, representatividade e o direito de participar. A escolha entre Mosquito, um garoto que não gosta de futebol, e Leona, uma jovem talentosa impedida de jogar por um estatuto antiquado, desloca o conflito para além das quatro linhas e coloca a própria torcida diante de uma decisão que também é social e política.

Mas existe algo especialmente bonito na experiência de *Catimba* que antecede a própria apresentação. É quando os integrantes do grupo saem pelos arredores do teatro para buscar os espectadores e conduzi-los até o espaço da encenação. Esse gesto de acolhimento, aparentemente simples, possui uma dimensão poética que já anuncia o espírito do espetáculo. Os artistas vão ao encontro das pessoas, rompendo a separação habitual entre o espaço teatral e a rua. O teatro começa nesse deslocamento, na aproximação entre artistas e espectadores, na formação de uma comunidade provisória que se reúne para compartilhar uma história. Há uma generosidade nesse movimento que merece ser destacada. Antes mesmo de a bola entrar em campo, o grupo já estabelece uma relação de cumplicidade com o público. O jogo começa pelo encontro.

[1]**Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

Na direção de Thiane Lavrador, percebe-se uma concepção de encenação que compreende a visualidade como parte ativa da dramaturgia. Os diferentes elementos não aparecem como contribuições isoladas, mas se articulam numa composição bastante precisa. Figurinos, objetos, música, movimentos e ocupação espacial constituem uma linguagem integrada, na qual cada detalhe participa da construção do universo ficcional. A organização dos corpos no espaço incorpora gestos, posturas e comportamentos reconhecíveis do futebol, sem recorrer à reprodução literal de uma partida. Existe uma dimensão coreográfica na maneira como os intérpretes se movimentam, estabelecem relações e transformam ações cotidianas do esporte em situações teatrais. O ritmo das entradas, das disputas e dos deslocamentos contribui para uma dinâmica que alterna comicidade, tensão e participação.

Os figurinos de Karine Lopes, em diálogo com o visagismo de Tatiana Polistchuk, merecem atenção pela maneira como colaboram para a identidade visual dos personagens e do próprio time. O vestuário não se limita a caracterizar os intérpretes, mas ajuda a construir uma atmosfera que remete às agremiações esportivas de bairro, com suas marcas de pertencimento e identificação coletiva. O cuidado com a caracterização demonstra como elementos aparentemente secundários podem adquirir importância na composição de uma imagem cênica. Há uma coerência entre os personagens, suas presenças e o ambiente que os acolhe, contribuindo para a organicidade desse universo.

A direção musical e a trilha sonora original de Lucas F. Paiva constituem outra camada importante da narrativa. A música participa da pulsação da encenação, estabelecendo atmosferas e acompanhando a dinâmica das ações. Sua presença aproxima o espectador do imaginário das partidas de futebol, com suas expectativas, provocações, comemorações e momentos de tensão. A dimensão sonora também amplia o caráter coletivo da experiência, fazendo da torcida uma presença que ultrapassa a função de acompanhar os acontecimentos. O som integra a dramaturgia e contribui para a construção de uma identidade própria para o espetáculo.

Os adereços e os objetos cênicos também revelam uma atenção especial à materialidade

da encenação. São elementos que ajudam a compor o ambiente esportivo e a caracterizar o cotidiano do Grêmio Recreativo de Pirapora da Vila Pauliceia. O mérito está na maneira como esses componentes são incorporados às ações, sem permanecerem restritos à função ilustrativa. A relação entre objetos, figurinos e corpos produz situações visuais que alimentam a narrativa e conferem consistência ao universo imaginado. O cenário de Marília Scarabello participa dessa organização espacial, oferecendo suporte à movimentação e às transformações da cena.

Outro aspecto significativo está na escolha de envolver diretamente os espectadores no desfecho da história. Ao transferir à plateia a responsabilidade de decidir quem deverá entrar em campo, a montagem rompe a posição convencional de observação e transforma o público em agente da narrativa. A torcida, conhecida no futebol como o décimo segundo jogador, ganha uma dimensão simbólica. A decisão sobre a entrada de Leona não representa apenas uma escolha esportiva, mas coloca em discussão o machismo institucionalizado e as regras que historicamente determinaram quem pode ou não ocupar determinados espaços. A participação deixa de ser um recurso de entretenimento para adquirir uma dimensão crítica. O público é convidado a experimentar, ainda que simbolicamente, a responsabilidade de questionar uma regra estabelecida.

O elenco formado por Henrique Reis, Júlia Mariano, Lucas F. Paiva e Mariana Brasileiro sustenta essa dinâmica com disponibilidade corporal e capacidade de transitar pelas diferentes situações propostas pela encenação. A construção coletiva das cenas favorece a comunicação com o público jovem, preservando o caráter lúdico sem abrir mão das questões que atravessam a dramaturgia de Fernanda Gama. Os intérpretes compreendem a necessidade de estabelecer uma relação direta com a plateia, especialmente numa montagem em que a participação dos espectadores interfere efetivamente no percurso da história.

Em *Catimba*, o apuro visual não está associado à grandiosidade dos recursos, mas à inteligência com que cada componente é concebido e articulado. A direção, os figurinos, a música, o movimento e os adereços demonstram uma compreensão da cena como

construção de imagens, na qual os detalhes não são acessórios, mas parte da própria narrativa. É justamente essa atenção ao conjunto que confere personalidade à montagem. A beleza do gesto inicial de buscar os espectadores nos arredores do teatro encontra correspondência na maneira como o espetáculo constrói sua relação com a plateia ao longo da apresentação. Tudo parece partir de uma mesma disposição para o encontro, para o jogo e para a convivência. Ao transformar o futebol em metáfora das relações sociais, *Catimba* faz do teatro um campo aberto à imaginação, no qual as regras podem ser questionadas, os lugares historicamente determinados podem ser disputados e a possibilidade de jogar passa a ser, sobretudo, um direito de todos.